

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

AMANDA RODRIGUES DE SANTANA

DRE: 115069337

**COMPREENDER A DIDÁTICA NO ENSINO DA LÍNGUA
JAPONESA NO BRASIL**

RIO DE JANEIRO

2022

AMANDA RODRIGUES DE SANTANA

**COMPREENDER A DIDÁTICA NO ENSINO DA LÍNGUA
JAPONESA NO BRASIL**

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Rio
de Janeiro para o Trabalho de Conclusão de Curso de
Letras Licenciatura em Português - Japonês.

ORIENTADOR: JOÃO MARCELO AMARAL REIMÃO MONZANI

RIO DE JANEIRO

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que tem me dado forças para continuar minha caminhada, e à minha família que me apoiou em todos os momentos, cobriram minha vida de orações e sempre zelaram por mim.

Obrigada, mãe, por me acordar quando o despertador não tocava,

Obrigada, 兄 (irmão mais velho), por me fazer rir quando eu só encontrava motivos para chorar,

E obrigada, pai, que mesmo não estando mais fisicamente aqui, permanece vivo nas minhas memórias. Espero ter te deixado orgulhoso.

Amo vocês.

イエスは言われた。「『できれば』と言うか。
信じる者には何でもできる。」

マルコによる福音書 9:23 - 新共同訳

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.....	10
TABELA 2.....	16
TABELA 3.....	17
TABELA 4.....	18
TABELA 5.....	20
TABELA 6.....	21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 O TERMO <i>LÍNGUA</i>	08
3 O ENSINO DA LÍNGUA JAPONESA NO BRASIL.....	11
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA LÍNGUA JAPONESA NO BRASIL.....	11
3.2 O PROFESSOR DE LÍNGUA JAPONESA NO BRASIL.....	12
3.2.1 Pesquisa.....	13
3.2.2 Questionário.....	14
3.2.3 Resultados e observações.....	15
4 CONCLUSÃO.....	23
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

Ao estudar e ensinar uma língua¹ é preciso identificar o contexto de aprendizagem a ela atribuído. Majoritariamente, o indivíduo que está na posição de aluno, aquele que aprende a determinada língua, não saberá identificar as nuances em que o ensino dessa língua se encaixa além da percepção básica de diferenciar a Língua em *Materna* ou *Estrangeira*. Contudo, cabe ao indivíduo na posição de ensinar, o professor, a aplicar estratégias de ensino para que o aprendizado daquela língua se adapte ao aluno em seu contexto.

Para os professores que ensinam uma língua que não é sua *Língua Materna (Língua 1)*, eles ensinam *Língua Estrangeira*. Porém, a *Língua Estrangeira* não deve ser abordada como uma categoria engessada, ela possui subdivisões que a caracterizam em dois grupos bem distintos que nomearemos por *Língua 2* e *Língua Estrangeira (Língua 3)*.

Utilizando como corpus de estudo e análise, falaremos sobre a Língua Japonesa ensinada no Brasil. O ensino da Língua Japonesa no Brasil possui anos de história e tradição, porém, esse conhecimento das diferenças e nuances no ensino dessa língua, em seu contexto, é claro para os professores com anos de magistério e para os professores recém-formados e em formação?

Neste estudo, falaremos sobre as características que diferenciam a *Língua 2* e *Língua 3 (Língua Estrangeira)* para em seguida ser discutido como a Língua Japonesa é vista no Brasil; e ensinada pelos professores de japonês.

¹ Neste trabalho, o termo “língua” (em letra minúscula) será empregado como conceito teórico comum e em termos de citações de outros autores. Já o termo “Língua” (em letra maiúscula) será empregado nos conceitos teóricos específicos vistos por todo texto.

2 O TERMO *LÍNGUA*

Antes de analisarmos o ensino da Língua Japonesa no Brasil é preciso entender alguns conceitos básicos sobre o termo *língua* que usaremos em todo o trabalho.

De acordo com Bechara (2011)², *língua* é um: “*Sistema de comunicação verbal de um país; idioma.* ”. Ou seja, ao ensinarmos uma *língua*, estamos ensinando a forma de comunicação de um país. E é neste momento que olhamos para a *língua* em questão, e de acordo com o contexto em que está empregada é determinado como ela estará sendo vista e tratada.

Neste trabalho trataremos com alguns conceitos de *língua*, sendo um dos principais o conceito de *língua-cultura*. Segundo Mendes (2011), os contatos linguístico-culturais são mais favoráveis no ensino de língua por englobar a linguagem junto com a comunidade e ambientação daquela língua em seu contexto de origem, o que auxilia os professores e os alunos em formação no planejamento de aula, criação e adaptação de materiais e na relação professor>*língua-cultura*>aluno.

Mendes (2011) usa o termo *língua-cultura* em seu texto para o Português-brasileiro. Neste trabalho, usaremos o termo para referirmo-nos à Língua Japonesa.

Na perspectiva, portanto, que defendo como intercultural, a língua, mais do que objeto de ensino, passa a ser ponte, a dimensão mediadora entre sujeitos/mundos culturais, visto que o seu enfoque se dará nas relações de diálogo, no lugar de interação. Nesse sentido, a língua portuguesa que desejo aqui discutir é aquela que representa a nossa língua cultura brasileira [...].
(MENDES, 2011. P.140.)

Os próximos termos são os que serão usados para analisarmos em que contexto de Língua-cultura o Português e o Japonês encaixam-se.

Língua 1 (L1), ou Língua Materna, de acordo com Spinassé (2006), é aquela língua que aprendemos em casa, através dos pais e familiares e que geralmente é a língua falada na comunidade.

² Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara, 2011. P. 785.

Já a Língua 2 (L2) é adquirida quando o falante domina em parte ou totalmente sua L1. Ou seja, o indivíduo fala e entende totalmente ou quase completamente sua Língua Materna (L1) no momento em que é exposto à Língua 2.

A L2 normalmente é adquirida pela necessidade de comunicação do falante no meio em que ele está, ou seja, em contato direto com a L2 no meio cultural que ela se encontra. Sendo esse meio diferente de sua terra natal e L1. Segundo Spinassé (2006):

Uma Segunda Língua é uma não-primeira-língua que é adquirida sob necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização. A situação tem que ser favorável: um novo meio, um novo contato mais intensivo com uma nova língua que seja importante para a comunicação e para a integração social. (SPINASSÉ, 2006. P.6.)

Diferente da L2, em que o falante precisa estar inserido diretamente no contexto Língua-cultura, a Língua Estrangeira (LE), que chamaremos por Língua 3 (L3), não é caracterizada pela Língua-cultura aprendida de forma direta, mas sim por um contexto mais artificial, onde a comunicação não se dá como necessidade no meio e sociedade em que o falante se encontra, tirando a sala de aula. A Língua 2 também é vista como um tipo de Língua Estrangeira (por não ser L1), mas por ser adquirida em seu meio de Língua-cultura original (país de origem) não será tratada neste trabalho como uma Língua Estrangeira.

Spinassé (2006) defende, pelo ponto de vista de ELLIS (1986 e 1994), que o que diferencia L2 e L3 são os fatores sociolinguísticos:

Segundo ele, o processo de aquisição de uma Segunda Língua ocorre quando “a língua atua na comunidade em uma função institucional e social”³, enquanto a de uma Língua Estrangeira “em cenários onde a língua não atua uma função primordial na comunidade e é principalmente aprendida apenas na sala de aula”⁴. (SPINASSÉ, 2006. P.6.)

O Brasil é um país que possui a Língua Portuguesa como Língua Oficial. Trabalhando com um exemplo hipotético: uma pessoa nasceu no Brasil, cresceu e foi alfabetizada com a Língua Portuguesa, sempre ouviu as pessoas em seus círculos sociais usando essa Língua como

³ Minha tradução para: “the language plays an institutional and social role in the community”.

⁴ Minha tradução para: “in settings where the language plays no major role in the community and is primarily learnt only in the classroom”.

meio de comunicação. Para essa pessoa, a Língua Portuguesa é vista como sua *Língua 1(L1)* ou *Língua Materna*.

Agora temos como exemplo uma pessoa japonesa, que nasceu e viveu sua vida inteira no Japão, foi alfabetizada com a Língua Japonesa, portanto essa é sua *Língua 1(L1)*. Mas essa pessoa decide ir para o Brasil aprender a Língua Portuguesa. Ela estará aprendendo uma língua que não é sua *Língua 1*, mas sim uma *Língua 2*, pois a pessoa japonesa estará aprendendo a Língua Portuguesa inserida no âmbito cultural dessa língua, estará imersa na Língua-cultura em seu cotidiano, vivenciando a Língua Portuguesa em um ambiente natural.

Por fim, temos uma pessoa brasileira, que tem a Língua Portuguesa como sua *Língua 1* e decide aprender a Língua Japonesa, contudo, essa pessoa permanece no Brasil, tendo estímulos culturais através de meios artificiais como músicas, filmes, livros e através de suas aulas. Essa pessoa não está imersa diretamente na cultura japonesa, as pessoas na rua não falam esse idioma, as placas de trânsito, restaurantes, embalagens de produtos não estão em Japonês, portanto, esse brasileiro está aprendendo a Língua Japonesa como *Língua 3 (Língua Estrangeira)*, já que os estímulos culturais e de linguagem são adquiridos apenas de forma artificial.

Na tabela abaixo está ilustrado um comparativo de cada um dos termos *língua* vistos anteriormente:

Tabela 1: Comparativo dos termos *língua*, baseado em Amanda R. de Santana.

TERMO <i>LÍNGUA</i>	LUGAR DE AQUISIÇÃO	ESTÍMULOS DE APRENDIZADO
LÍNGUA 1 /MATERNA	PAÍS DE ORIGEM	Primeira Língua que o indivíduo tem contato, através da família, amigos e comunidade.
LÍNGUA 2	PAÍS DE ORIGEM	Necessidade de comunicação em um novo país, em contato direto com a Língua-cultura.
LÍNGUA 3 /LÍNGUA ESTRANGEIRA	PAÍS ESTRANGEIRO	Sem necessidade de comunicação no país da língua aprendida por não estar em contato direto, apenas artificial, com a Língua-cultura.

3 O ENSINO DA LÍNGUA JAPONESA NO BRASIL

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA LÍNGUA JAPONESA NO BRASIL

A maior colônia japonesa fora do Japão encontra-se no Brasil. Com um passado histórico com mais de um século de acontecimentos e momentos que marcam ambos os países.

A imigração Japonesa no Brasil é marcada pela data de 18 de junho de 1908, quando o navio *Kasato-maru* trouxe os primeiros imigrantes japoneses para trabalharem em lavouras. Esse período corresponde ao ano 41 da Era Meiji, que é marcado pela abertura dos portos japoneses, permitindo viagens comerciais e emigrações. No final da II Guerra Mundial, por meados de 1945, o número de imigrantes japoneses aumentou. A maior parte desses imigrantes concentraram-se na região do interior de São Paulo, no Sudeste do país. Mas regiões como o Sul e o Norte do Brasil, também tiveram concentrações de japoneses. Em sua maioria, vieram para trabalhar em plantações de café no Sul e Sudeste do país e na região Norte nas plantações de juta e castanhas; com a promessa de terem seu próprio espaço de terra, o que não foi exatamente o que ocorreu.

Para não perderem o contato com a língua e a cultura japonesa, foram criadas, dentro das comunidades nikkeis⁵, escolas e centros culturais que passavam a língua e a cultura de geração em geração. Com o passar dos anos, não apenas os descendentes japoneses frequentavam esses lugares, mas também qualquer um que quisesse aprender mais sobre o Japão.

O que começou como um meio de manter a cultura viva tornou-se também em um lugar de propagação da língua e da cultura japonesa.

No Brasil há várias escolas e cursos de Língua Japonesa. No ensino superior há universidades⁶ que possuem o curso de Língua Japonesa na faculdade de Letras, um exemplo delas é a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cuja Faculdade de Letras oferece os cursos de graduação Bacharelado em Letras: Português-Japonês e Licenciatura em Letras: Português-Japonês. Além da graduação, a Faculdade de Letras da UFRJ também oferece um

⁵ O termo *Nikkei* se refere à pessoa de origem japonesa, de qualquer geração. (GALIMBERTTI, 2002. p.26.).

⁶ Principais instituições: Universidade de São Paulo (USP); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP); Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Cruzeiro do Sul; Universidade de Brasília (UnB); Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

projeto de extensão chamado CLAC (Cursos de Línguas Abertos à Comunidade). No site oficial⁷, a própria descrição diz:

O Projeto é um curso de formação de professores de graduação da Faculdade de Letras/UFRJ e vem sendo desenvolvido pela Diretoria Adjunta de Extensão há mais de quinze anos, atendendo a comunidade do Rio de Janeiro e formando profissionais de qualidade.

O CLAC tornou-se um espaço em que as pessoas do Rio de Janeiro podem ter acesso às aulas de japonês com um valor de mensalidade mais acessível e também um lugar onde os professores de japonês em formação ganham a experiência de sala de aula no ensino da Língua Japonesa.

Para o levantamento de dados da pesquisa, profissionais que passaram por instituições como a Faculdade de Letras da UFRJ e projetos como o CLAC durante seu período de formação de professores e no período de magistério, serão o corpus alvo da pesquisa.

3.2 O PROFESSOR DE LÍNGUA JAPONESA NO BRASIL

No ensino de qualquer língua é importante saber em qual contexto ela está inserida. Como já visto anteriormente, se um professor de japonês for ensinar essa língua no Brasil, ele estará ensinando a Língua Japonesa em contexto de Língua 3. Contudo, alguns livros didáticos, como as séries *Minna no Nihongo* e *Marugoto*, que são muito utilizadas no ensino da Língua Japonesa no Brasil, focam no Japonês em contexto de Língua 2, cujo contexto de ensino da Língua Japonesa é voltado para estrangeiros no Japão.

Portanto, cabe ao professor adaptar-se. A sala de aula torna-se o lugar onde o professor cria um ambiente propício para o aprendizado do Japonês, promovendo o contato Língua-cultural de forma artificial através dos livros didáticos, músicas, filmes, vídeos e materiais criados pelo próprio professor, especificamente para que mesmo artificialmente, o contato com a Língua Japonesa seja o mais profundo possível. Mendes (2011) fala sobre a sala de aula ser

⁷ Site oficial: <<https://clac.letas.ufrj.br/index.php#quemsomos>>.

esse lugar onde fronteiras são levantadas e derrubadas, onde as culturas interceptam-se criando um espaço de conhecimento:

A sala de aula é o lugar privilegiado, o ambiente no qual essas relações têm lugar, pois é aí onde os conflitos, as tensões e afastamentos (advindos do encontro de diferentes culturas e do embate de aspectos sociais, políticos, psicológicos, afetivos etc.) podem ser negociados em prol da construção de um novo espaço para edificação de um conhecimento comum formado pelas contribuições de todos. (MENDES, 2011. P.145.)

Entretanto, espera-se que os professores de Língua Japonesa com mais anos de magistério façam essa diferenciação entre ensinar a Língua 2 ou Língua 3 com maior facilidade do que novos professores e professores em formação. Porém, não significa que esse professores com menos anos de carreira já não tenham essa noção em diferenciar as nuances que diferenciam a Língua Japonesa nesses dois contextos.

Reconhecer as diferenças do ensino da Língua Japonesa nos contextos de Língua 2 e Língua 3 pode mudar significativamente a forma em que o professor lida com a Língua-cultura Japonês no ensino. Como os professores veem o ensino de Japonês no Brasil? Eles possuem clareza entre as nuances que caracterizam esse ensino no Brasil como Língua Japonesa em contexto de Língua 3? Eles reconhecem a importância dessa diferenciação para os alunos?

3.2.1 Pesquisa

Para o levantamento de dados comparativos, o instrumento de pesquisa adotado foi o questionário. Com o objetivo de validar a importância do professor de Língua Japonesa no Brasil saber as diferenças entre o ensino de Japonês como L2 e L3, e como esse conhecimento impacta em sua didática através de sua experiência profissional, o questionário foi organizado da seguinte configuração:

- A primeira pergunta tem o caráter de *questionário fechado*⁸, com o objetivo de delimitar três grupos por anos de experiência profissional com o intuito de validar a ideia de que a noção de ensino de L2 e L3 fica mais nítida com o passar dos anos.

- As próximas três perguntas têm o caráter de *questionário aberto*⁹, com cada uma delas tendo objetivos específicos que sustentam a teoria do trabalho.

3.2.2 Questionário

A seguir, será apresentado as perguntas do questionário e seus objetivos (em *itálico*).

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1) Por quanto tempo atua lecionando a Língua Japonesa?

[] 0 – 2 anos. (*grupo 1*)

[] 3 – 5 anos. (*grupo 2*)

[] 6 anos ou mais. (*grupo 3*)

Objetivo: Classificar o corpus de pesquisa em 3 grupos:

Grupo 1 (Professores no início da licenciatura, pouco tempo de experiência);

Grupo 2 (Professores com uma experiência média na licenciatura);

Grupo 3 (Professores com uma longa carreira na licenciatura).

2) Como professor(a) de Língua Japonesa no Brasil, cite dentre 1 a 3 dificuldades que você encontrou e/ou encontra no ensino de Japonês.

⁸ As perguntas formuladas são objetivas e diretas, com alternativas definidas para o entrevistado. (Tachizawa, 2005. p. 125.).

⁹ As perguntas, apesar de objetivas, dão ao entrevistado a opção de respostas livres. (Tachizawa, 2005. p. 125.).

Objetivo: Levantar dados de quais as dificuldades mais recorrentes que os professores de Língua Japonesa no Brasil possuem e comparar as respostas de acordo com cada um dos 3 grupos pré-estabelecidos.

3) No seu ponto de vista. Entre um brasileiro que estuda a Língua Japonesa no Brasil e um brasileiro que estuda a Língua Japonesa no Japão; qual deles desenvolveria melhor e mais rápido sua fluência em Japonês? Por que?

Objetivo: Investigar se os professores reconhecem que o aluno que estuda uma Língua Estrangeira no país falante (L2), ou seja, aprende o Japonês no Japão, por estar inserido diretamente no contexto de Língua-cultura, desenvolve mais rápido sua fluência em comparação ao aluno que aprende a mesma língua, mas em um contexto de Língua-cultura artificial (L3).

4) Quais estratégias de ensino você costuma usar para aproximar os alunos à língua e cultura japonesa?

Objetivo: Registrar e catalogar as soluções que os professores de Língua Japonesa no Brasil encontraram para que a imersão na Língua-cultura japonesa seja a mais profunda possível.

3.2.3 Resultados e observações

Nesta etapa do trabalho serão apresentadas as respostas de cada professor voluntário, anonimamente, de acordo com o grupo ao qual pertence o número da questão. Em seguida as respostas coletadas serão analisadas.

Tabela 2: Respostas do questionário referentes ao GRUPO 1, baseado em Amanda R. de Santana.

GRUPO 1
Professor 1
1) 0 – 2 anos.
2) Estou começando agora, mas uma dificuldade é pensarem em japonês e as vezes eles sabem a palavra em japonês, mas dizem em português.
3) Um brasileiro que aprende a língua japonesa no Japão, tendo em vista que o indivíduo estaria no meio de falantes nativos, tornando melhor o aprendizado.
4) Trazendo referências de anime e explicando aspectos da cultura japonesa.
Professor 2
1) 0 – 2 anos.
2) A dificuldade dos alunos para aprenderem novos alfabetos, principalmente o katakana, que é menos utilizado.
3) O que estuda língua japonesa no Japão, pois estará sempre em contato com o idioma lá, seja nas conversas do dia-a-dia, nos programas de televisão, nas placas da rua etc. O que estuda no Brasil se limita a ter contato com o idioma japonês apenas quando consome os produtos culturais de lá, como animes e músicas.
4) Comentar sobre os animes, mangás e livros que eles dizem gostar, utilizando alguns exemplos de coisas escritas em japonês nessas mídias. Vídeos com músicas e propagandas em japonês pertinentes ao conteúdo aprendido também são utilizados.
Professor 3
1) 0 – 2 anos.
2) Material didático.
3) Um aluno que estuda no Japão por ter mais acesso a conteúdos em japonês e treino em um ambiente com mais estímulos.
4) Utilizando áudios, vídeos de conversação e materiais da cultura pop.

Tabela 3: Respostas do questionário referentes ao GRUPO 2, baseado em Amanda R. de Santana.

GRUPO 2
Professor 4
1) 3 – 5 anos.
2) Conseguir achar materiais complementares para auxiliar em uma aula mais dinâmica, a dificuldade de achar estudos que falem sobre o ensino da língua japonesa, especialmente voltado para pessoas que não residem no Japão, e a falta de valorização do professor de japonês na contratação.
3) Um brasileiro que estuda a língua japonesa no Japão, pois ele está constante imersão na língua e na cultura local, o que facilita a utilização e entendimento com mais naturalidade, ainda mais pelo fato da língua japonesa ser muito focada no contexto.
4) Trago materiais extras, como vídeos, imagens e também abro espaço nas aulas para discussões, para falarem sobre o que eles entendem da cultura. Além disso, mostro determinados aspectos culturais interligados a determinada estrutura gramatical.
Professor 5
1) 3 – 5 anos.
2) 1 - Achar materiais em português; 2 - Mais materiais para ensino focado em falantes de português.
3) O brasileiro estudando língua japonesa no Japão. Porque ele está imerso no idioma, dependendo do uso dele diariamente.
4) Jogos e trazendo materiais da língua que evidenciam que a cultura tem influência direta no uso da língua e outros materiais culturais relacionados e eventos comuns no Japão.
Professor 6
1) 3 – 5 anos.
2) Poucos materiais bons/avançados em português para fornecer aos alunos; equilibrar o conteúdo de forma que não fique pesado demais para os alunos;
3) O brasileiro estudando a língua japonesa no Japão teria mais facilidade e rapidez, já que estaria inserido no meio e inevitavelmente cercado pela língua em seu uso diário.
4) Durante todas as etapas do ensino, busco evidenciar o elemento cultural dentro da língua, e também exemplificar a língua através da cultura que eles provavelmente conhecem. Utilizar músicas, nomes de personagens, celebridades ou animes famosos; contextualizar historicamente uma palavra ou expressão; mostrar visualmente (através de fotos, vídeos etc.) elementos que auxiliem os alunos a lembrarem daquele conteúdo e se sentirem

imersos; são todas ferramentas muito úteis para aproximar os alunos e também para que o ensino pareça mais leve e descontraído.

Tabela 4: Respostas do questionário referentes ao GRUPO 3, baseado em Amanda R. de Santana.

GRUPO 3
Professor 7
1) 6 anos ou mais.
2) Preço do material didático e pouca diversidade.
3) Estudante no Japão. Imersão ajuda no desenvolvimento das 4 habilidades.
4) Mídias diversificadas. Músicas, filmes, seriados e jogos.
Professor 8
1) 6 anos ou mais.
2) A maior dificuldade era encontrar material que fizesse mais sentido para os alunos, que dialogasse mais com a realidade deles. A maioria dos materiais que utilizei eram muito engessados.
3) O brasileiro que estuda no Japão. O ambiente influencia. Estar num lugar onde todos ao seu redor falam a língua todo o tempo, faz com que o estudante estrangeiro desenvolva mais rápido a fluência uma vez que seus ouvidos e instintos estão 24 horas por dia imersos na cultura local.
4) Imersão através de elementos da cultura como: música, livros, audiobooks etc. É importante que o aluno seja incentivado a buscar essa imersão naquilo que ele se identifica mais como indivíduo. Exemplo: se a pessoa gosta de esportes, buscar conteúdos ligados a esse universo, se música, filmes...e assim por diante.
Professor 9
1) 6 anos ou mais.
2) Dificuldade de manter o interesse dos alunos, material didático relativamente escasso.
3) Tudo depende do interesse do aluno, mas levando em conta que seja interessado, o ambiente de imersão no Japão, provavelmente ajudaria no desenvolvimento.
4) Procuo usar os temas de interesse dos alunos, e os pontos curiosos e diferentes da cultura.

A questão 1 foi formulada no intuito da delimitação dos grupos acima.

A questão 2: *Como professor(a) de Língua Japonesa no Brasil, cite dentre 1 a 3 dificuldades que você encontrou e/ou encontra no ensino de Japonês.* Tem por objetivo o levantamento de dados de quais as dificuldades mais recorrentes que os professores de Língua Japonesa no Brasil possuem e comparar as respostas de acordo com cada um dos 3 grupos pré-estabelecidos.

No GRUPO 1, cujos professores possuem no máximo 2 anos de experiência de ensino, as respostas resumem-se no *vocabulário, no pensar em outra língua, no alfabeto diferente e no material didático.*

No GRUPO 2, cujos professores possuem entre 3 e 5 anos de experiência de ensino, além de serem vistas como dificuldades a *falta de estudos acadêmicos que auxiliem novos professores* e a *valorização da profissão de professor de língua estrangeira, o material didático* aparece em todas as respostas com o enfoque na *falta de materiais didáticos específicos para falantes de língua portuguesa e que levem em consideração o fator da Língua Japonesa estar sendo ensinada e aprendida fora do Japão.*

No GRUPO 3, cujos professores possuem entre 6 anos ou mais de experiência de ensino, assim como no Grupo 2, o *material didático* também aparece em todas as respostas como uma das dificuldades encontradas, apresentando enfoque na *falta de diversificação de material, material específico para falantes de português e aprendizado de acordo com o local de ensino*, semelhante ao GRUPO 2, além do *preço* e no fato de *não serem muito acessíveis*. Outra resposta foi a *dificuldade de manter o contínuo interesse do aluno pelo estudo da língua.*

É visto que o *material didático*, mesmo não sendo apontado pelos professores 1 e 2 pertencentes ao GRUPO 1, é citado por todos os demais professores do questionário como uma das dificuldades encontradas para o ensino da Língua japonesa no Brasil. Com isso, pode-se concluir que mesmo com o passar dos anos de magistério, a dificuldade mais destacada é o *material didático* carregando alguns fatores específicos relacionados a ele como:

- Material voltado para o falante de Português;
- Material que leve em consideração o aprendizado da língua Japonesa fora do Japão;
- Preço;
- Dificuldade em ter acesso aos materiais didáticos já existentes.

Portanto, baseado nas respostas da questão 2, chegamos a uma lista de problemas levantados:

Tabela 5: Lista dos dados levantados da *questão 2*, baseado em Amanda R. de Santana.

Dados das dificuldades mais recorrentes dos professores de Língua Japonesa no Brasil
Material didático: <ul style="list-style-type: none"> - Material voltado para o falante de Português; - Material que leve em consideração o aprendizado da língua Japonesa fora do Japão; - Preço; - Dificuldade em ter acesso aos materiais didáticos já existentes.
Vocabulário;
Alfabeto diferente;
Pensar em outra língua;
Falta de estudos acadêmicos que auxiliem novos professores;
Professores e a valorização da profissão de professor de língua estrangeira;
Dificuldade de manter o contínuo interesse do aluno pelo estudo da língua.

A questão 3: *No seu ponto de vista. Entre um brasileiro que estuda a Língua Japonesa no Brasil e um brasileiro que estuda a Língua Japonesa no Japão; qual deles desenvolveria melhor e mais rápido sua fluência em Japonês? Por que?* Possui o objetivo de investigar se os professores reconhecem que o aluno que estuda uma Língua Estrangeira no país falante (L2), ou seja, aprende o Japonês no Japão, por estar inserido diretamente no contexto de Língua-cultura, desenvolve mais rápido sua fluência em comparação ao aluno que aprende a mesma língua, mas em um contexto de Língua-cultura artificial (L3).

A resposta voltada para um brasileiro que estuda a língua japonesa no Japão (L2) como aquele que desenvolveria melhor e mais rápido a fluência em Japonês foi unânime em todos os GRUPOS. As justificativas apresentadas, em suma falam sobre o fato de ter contato direto com

falantes nativos e estímulos culturais diretos, o que ajuda no desenvolvimento das 4 habilidades¹⁰

A questão 4: *Quais estratégias de ensino você costuma usar para aproximar os alunos à língua e cultura japonesa?* Tem por objetivo o registro e catalogação de soluções que os professores de Língua Japonesa no Brasil encontraram para que a imersão na Língua-cultura japonesa seja a mais profunda possível.

Todos os professores de forma unânime, utilizam da cultura, através de elementos culturais, como ferramenta principal para a aproximação do aluno com a língua japonesa. No contexto de ensino em que a Língua Japonesa é ensinada como L3, os professores utilizam de elementos culturais artificiais como áudios, vídeos, fotos, literatura regionais como mangás e livros, filmes, séries, animes, jogos etc.

Com base nas respostas da questão 4, chegamos a uma lista de soluções levantados:

Tabela 6: Lista dos dados levantados da *questão 4*, baseado em Amanda R. de Santana.

Soluções dadas para uma maior imersão na Língua-cultura japonesa
Áudios e músicas;
Vídeos, filmes, séries e animes;
Fotos;
Literatura regionais como mangás e livros;
Jogos.

Com esses resultados, vimos que as dificuldades no ensino de Língua Japonesa no Brasil (L3), tendem a ficarem mais claras para o professor com o passar dos anos de magistério. O material didático em vários quesitos é visto como um dos maiores problemas, em seguida vemos também a falta de valorização da profissão e a necessidade de um preparo teórico-acadêmico mais voltado para a formação de professores de L3 como outros pontos de dificuldade.

¹⁰ As 4 habilidades (fala, escrita, audição e leitura) são essenciais na aquisição de uma língua.

Contudo, no Brasil há literaturas teórico-acadêmicas voltadas tanto para professores como para falantes da Língua Japonesa no Brasil. Abaixo há algumas sugestões dessas literaturas:

- *Wa e Ga – As Partículas Gramaticais da Língua Japonesa* / Yûki Mukai. Editora Pontes, 2014;
- *Gramática da Língua Japonesa para Falantes do Português* / Yûki Mukai, Tae Suzuki (Orgs.). Editora Pontes, 2016;
- *Introdução à gramática da língua japonesa: (Para adultos falantes da língua portuguesa)* / Maria Emiko Suzuki. All Print Editora, 2018;
- *Teorias gramaticais da língua japonesa* / Tae Suzuki, Junko Ota, Sonia Ninomiya, Leiko Morales (Orgs.). Editora Humanitas, 2012;
- *A Língua Japonesa No Brasil: (Reflexões e experiências de ensino e aprendizagem)* / Yûki Mukai, Alice Tamie Joko, Fausto Pinheiro Pereira (Orgs.). Editora Pontes, 2013.
- *Tópicos de Gramática da Língua Japonesa* / Leiko Matsubara Morales (Org.). Editora Japan Foundation, 2011.

Saber diferenciar o âmbito em que uma língua está sendo ensinada se provou essencial para o professor quando vemos como resposta unânime da *QUESTÃO 3* que no ponto de vista de todos os professores da pesquisa, o aprendizado da Língua Japonesa no contexto de L2 é mais rápido do que no contexto de L3, o que influencia em como é dada a aula pelo professor.

Por fim, a cultura, independente dos anos de magistério, é a solução mais utilizada para aproximar os alunos de Língua Japonesa em contexto de L3, do aprendizado da língua. Utilizada de modo artificial, tendo a sala de aula como o ambiente neutro onde é permitido criar uma atmosfera de língua-cultura entre o aluno e a língua estudada, a cultura (e/ou elementos culturais) é a estratégia de ensino mais usada pelos professores como forma de inserir o aluno na vivência daquela língua.

4 CONCLUSÃO

Em suma, a Didática da Língua Japonesa no Brasil baseia-se no ensino da Língua Japonesa em cursos de idiomas e no ensino superior cujos contextos adequam-se como a Língua Japonesa em contexto de *Língua 3*, *Língua Estrangeira* em seu contexto mais genuíno.

Esse trabalho ressalta a importância de os professores de Japonês terem o conhecimento de diferenciar o ensino dessa *língua* e assim identificar e prever circunstâncias em sala de aula com o objetivo de proporcionar aos alunos uma aprendizagem e contato maior com a Língua-cultura Japonesa como também a necessidade da criação de materiais didático-acadêmicos mais específicos na formação desses professores de *Língua Estrangeira (L3)*. Contudo, é importante ressaltar a criatividade dos professores no trabalho de ensinar e aproximar os alunos da Língua Japonesa demonstra a habilidade deles em adaptarem-se na sala como a ponte que liga os alunos ao conhecimento.

Concluimos com o pensamento de Andrade (2007), que pode ser visto como base didática para qualquer professor de *língua*, ou *Língua-cultura*:

“Linguagem, conhecimento e comunicação constituem fatos historicamente interligados, na medida em que qualquer conhecimento é considerado incompleto se não for comunicável, e só poderá ser comunicável por meio da linguagem.” P.13.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

AMAZONAS, Associação Koutaku do. **A saga dos koutakuseis no Amazonas – Uma história de pioneirismo, perseverança e SECESSO.** Manaus, 2011.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Redação científica – elaboração de TCC passo a passo.** 2.ed. – São Paulo: Factash Editora, 2007. P. 13.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara.** 1.ed. – Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011. P. 785.

GALIMBERTTI, Percy. **O caminho que o *dekassegui* sonhou: cultura subjetividade no movimento *dekassegui*.** São Paulo: EDUC/FAPESP; Londrina: Ed. UEL, 2002. P. 26.

KURIHARA, Akiko. **Pequena História do Japão (日本小史).** São Paulo: Ed. Paulo's, 2017.

MENDES, Edleise. **O português como língua de mediação cultural: por uma formação intercultural de professores e alunos de PLE.** In: MENDES, E. *Diálogos interculturais: ensino e formação em português Língua estrangeira.* Campinas, SP: Pontes, 2011. P. 139-158.

SÃO BERNARDO, M. A. de e BARBOSA, L. M. de A. **Interações virtuais e competência intercultural.** In: BARBOSA, L. M. de A. *(Inter)Faces (Inter)Culturais no ensino-aprendizagem de línguas.* Campinas, SP: Pontes, 2014. P. 143-165.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os conceitos de língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil.** *Revista Contingentia*, vol. 1, UFRGS, 2006. P. 1-7.

TACHIZAWA, Takeshy e MENDES, Gildásio. **Como fazer monografia na prática.** 10 ed. ver. ampl. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ONLINE

Blog: Superprof. Acesso em: <<https://www.superprof.com.br/blog/cursar-letas-com-habilitacao-em-japones/>>. 26/10/2021. Às 16h15.

Site: Portal Letras UFRJ: <<http://www.portal.letras.ufrj.br/graduacao/cursos-de-graduacao/portugues-japones.html>>. Acesso em: 26/10/2021, às 16h49.

Site: CLAC – Cursos de Línguas Abertos à Comunidade – Letras UFRJ: <<https://clac.letras.ufrj.br/index.php#quemsomos>>. Acesso em: 09/03/2022, às 18h09.